



“ACTIVIDADES AGRO-MARÍTIMAS”

CARACTERÍSTICAS DO PERCURSO

Partida/Chegada – Moinhos de Apúlia
Âmbito - ambiental cultural e paisagístico
Tipo de percurso - pequena rota circular
Distância a percorrer – 6.9 km
Duração aproximada - 3 horas
Nível de dificuldade - fácil
Época aconselhada – Primavera e Verão

ENQUADRAMENTO GERAL

Este percurso desenvolve-se ao longo da costa atlântica entre as freguesias de Apúlia e Fão, no concelho de Esposende, em terrenos incluídos no Parque Natural do Litoral Norte. Com um grau de dificuldade fácil, dado que decorre a cotas de altitude muito baixas, entre terrenos de areia e terra batida, tem como motivações as actividades agro-marítimas, os sistemas de tecnologia tradicionais de moagem, para além da vastidão de recursos naturais (recifes, dunas, lagoa de Apúlia, carvalhal e pinhal) com que deparamos a par e passo, ao longo de 6.900 metros, que demoram cerca de 3 horas a percorrer.

HISTÓRIA DA REGIÃO

A importância de Apúlia remonta à época romana, devido à sua excelente localização geográfica, nomeadamente a sua baía que servia de porto de abrigo aos barcos imperiais que aqui vinham aportar para se carregarem de produtos hortícolas e preciosos metais das minas da Lagoa Negra. No ano de 1145 surge a primeira referência a esta terra de Apúlia, em virtude do arcebispo D. João Peculiar ter separado a Mesa Capitular da Mesa Episcopal e, uma vintena de anos mais tarde, dá-se a divisão do cabido e das rendas do Couto de Apúlia e Criaz. Um Juiz Ordinário, dois vereadores, um procurador e um meirinho governavam este Couto no longínquo ano de 1188. Nas inquirições de 1220, ordenadas por D. Afonso II, surge a designação deste território como “Sancto Michaeli de Púlia”, pertencente às terras de Faria, de Barcelos.

Apúlia é conhecida pela excelência da sua praia, em forma de baía, e pelos elevados níveis de iodo que a tornam bastante recomendável em termos terapêuticos. Aqui, afluem anualmente pela época do verão milhares de pessoas oriundas de concelhos mais interiores como Barcelos, Braga ou Famalicão, assim como do Porto.



CAMINHANDO

O início do percurso tem lugar junto aos moinhos de vento que agora servem de moradias de veraneio. Sobe-se o passadiço que se encontra entre o, moinhos, um excelente local para se observar o cordão dunar e a própria praia de Apúlia.

Os cinco engenhos eólicos de moagem, de tipo mediterrânico, com construção de granito e xisto. Segundo Ernesto Veiga Oliveira, foi o princípio de direccionar o moinho, ou parte dele, para o vento, que surgiu esta alternativa da capucha móvel, podendo, desta forma, os velames do moinho aproveitar ao máximo a energia do vento, de acordo com o quadrante que o mesmo soprasse.

Após percorrer o passadiço, encontramos novamente a estrada municipal 501, que devemos atravessar, seguindo por uma rua à direita (NE) e depois por um caminho de terra batida à nossa direita. Seguindo por este observamos uma vasta área de campos agrícolas. Voltamos depois à esquerda, depois de 150 metros novamente à esquerda e depois devemos virar à direita, até encontrarmos uma estrada em paralelo que devemos tomar para nascentes. À nossa esquerda, surge uma masseira ainda utilizada para a cultura de produtos hortícolas.

O tipo de agricultura praticada, as “masseiras” como exemplo genuíno do concelho. Estas são campos agrícolas localizados logo após a duna cinzenta, sendo o campo de areias escavado até aproximadamente um metro do lençol freático,

Estes campos em forma de gamela são escavados de forma a se localizarem um pouco mais perto do lençol freático, para as plantas poderem ter melhor acesso à água. As terras que são removidas para o efeito são colocadas na extremidade da área de cultivo de forma a servirem de barreira à acção do vento, produzindo igualmente um efeito de estufa – concentração de calor e elevada evaporação da água – microclima ideal para o crescimento de produtos hortícolas, como, por exemplo, cenoura, batata, cebola e hortaliça.

Depois da plantação o campo é fertilizado com o sargaço (algas marinhas essencialmente rodófitas) e o pilado (pequeno caranguejo). Estas são recolhidas na praia, após a época de defeso, entre os meses de Janeiro a Junho e de seguida expostas ao sol para secar, sem posteriormente utilizadas como fertilizante orgânico.



Continuando, iremos encontrar um trilho à nossa direita que nos levará até à Lagoa de Apúlia. Após cerca de 350m poderá, através dos campos visitar a lagoa e a floresta aluvial de salgueiros que lhe está associada Segundo a Directiva Habitats (Decreto-Lei n.º 140/99 de 24 de Abril com a redacção dada pelo Decreto-Lei n 49/05 de 24 de Fevereiro) esta lagoa costeira é considerada um Habitat Prioritário para a Conservação da Natureza, sendo denominado por Laguna Costeira. Estas lagunas caracterizam-se por serem zonas húmidas que apresentam uma grande variedade de salinidade e volume de água, podendo estar completa ou parcialmente separadas ao mar por bancos de areia. O isolamento a que estão sujeitas provoca, aquando da época das chuvas, uma diminuição da salinidade.



A comunidade vegetal associada à lagoa da Apúlia designa-se como caniçal e compreende os locais onde existe dominância de caniço (*Phragmites australis*), espécie hidrófila favorecida por zonas mais estagnadas dos cursos de água. Por vezes associados aos caniçais, ocorrem concentrações de várias espécies de tabúia (*Typha spp.*) e canaviais de canas (*Arundo donax*). Estas comunidades praticamente monoespecíficas apresentam vegetação da classe fitossociológica Phragmito-Magnocaricetæ e constituem um habitat utilizado por diversas espécies de avifauna para repouso, alimentação e reprodução



Regressando à estrada, continuamos a seguir para nascente até tomarmos um caminho em terra batida à esquerda. Prosseguindo para norte, iremos encontrar um cruzamento em que viramos à direita, para nascente, até surgir um novo caminho à esquerda que tomamos até ao final deste.



Esta é de facto uma zona bastante calma e aprazível em que podemos observar uma mescla de manchas florestais. Nestes habitats podemos encontrar espécies como: Carvalho roble (*Quercus robur*), Sobreiro (*Quercus suber*), Amieiro (*Alnus glutinosa*), Salgueiro (*Salix atrocinerea*), Loureiro (*Laurus nobilis*) e o Pilriteiro (*Crataegus monogyna*).

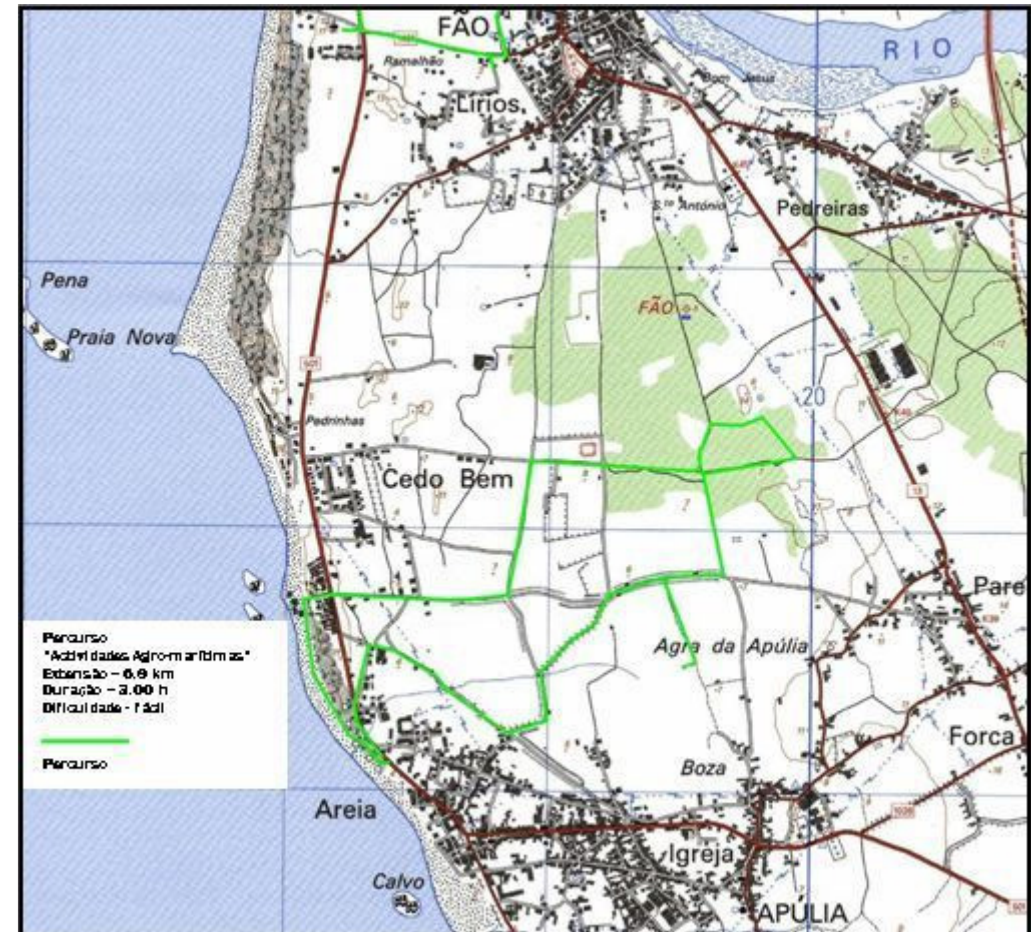
No final deste caminho, à nossa esquerda, encontraremos uma linha de água, a qual devemos transpor seguindo em frente pelo meio do pinhal até encontrar novamente o caminho, no qual viramos à esquerda. Quando aparecer um cruzamento viramos à direita, para poente. Seguimos em frente, passamos um primeiro cruzamento e no segundo viramos à esquerda até chegar à estrada em calceta. Viramos à direita em direcção a poente. Seguindo o mesmo até transpor a EM501, vamos depois de passar por diversos restaurantes e várias habitações, estas construções que podemos observar em plena duna, serviram em épocas passadas de arrecadação de utensílios para a apanha do sargaço e pilado.

Uma vez na praia, junto ao Atlântico, tomamos a direcção da praia e virando à esquerda seguimos ao longo da praia para sul, que nos levará de novo até junto dos moinhos de vento.

O nível subaquático das águas é extremamente interessante, o substrato rochoso que cobre parte do fundo constitui o habitat ideal para um grande conjunto de espécies animais como o ouriço-do-mar (*Paracentrotus lividus*) e o robalo (*Dicentrarchus labrax*) e um labirinto de algas marinhas.



CARTOGRAFIA DO PERCURSO





PARQUE NATURAL
DO LITORAL NORTE

TRILHO – ACTIVIDADES AGRO-MARÍTIMAS
